

PAULO RENATO DA SILVA, MARIO AYALA  
FABRICIO PEREIRA DA SILVA , FERNANDO JOSÉ MARTINS  
(COMPILADORES)

**LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES  
NA AMÉRICA LATINA**

**Anais das IV Jornadas Internacionais de Proble-  
mas Latino-Americanos**

**Foz do Iguaçu  
Imago Mundi / PPG - IELA UNILA  
2015**

## **Graffiti: Diálogo Estampado de Cores**

### **Graffiti- La Impresión De Colores De Diálogo**

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira (Professora Msc. Na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [janafortes@hotmail.com](mailto:janafortes@hotmail.com)); Jéssika Silva Teixeira (Cursando o IV período na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [jessiteixeira1@gmail.com](mailto:jessiteixeira1@gmail.com)); Italo Felipe Cury (cursando V período na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [italofelipe.cury@hotmail.com](mailto:italofelipe.cury@hotmail.com))

#### Resumo:

Cuida-se do relato de um projeto de extensão que nasce do uso – reapropriação, segundo Giorgio Agamben – do espaço público como ambiente de: denúncia; potência transformadora da arte; expressão dos direitos de igualdade e liberdade; crítica social e troca de olhares entre realidades discrepantes. Parte-se do pressuposto de que as universidades, por tal alcunha, têm o direito-dever de inserir o conhecimento maximamente universalizado no seu espaço físico e acadêmico. A linguagem do graffiti cria diálogo vivo entre atores sociais em conflito que, através da arte, podem fundir seus horizontes cognitivos.

**PALAVRAS CHAVES: GRAFFITI, LINGUAGEM, REAPROPRIAÇÃO , UNIVERSALIDADE, CONFLITO SOCIAL**

#### Abstract:

This extension project born from use- reappropriation, according Giorgio Agamben- of public space like: complaint, art transformer potential, expression of freedom and equality law, social criticism and review about discrepant social life. Start this article thinking that university has duty and right to insert the knowledge maximally in your academic and physical space. The graffiti language creates a life dialogue between social actors in conflict that can blow their cognitive horizons through art. It has a result from project one graffiti workshop at Universidade Estadual do Piauí, coordinated debate and a documentary about this process of exchange experiences These products attached with this scientific article about this extension could be experience of propagating material

**KEYS- WORD; GRAFFITI, LANGUAGE, REAPPROPRIATION, UNIVERSALITY, SOCIAL CONFLICT**

Resumen:

Se ocupa de proyecto de extensión nacido del uso - reapropiación, según Giorgio Agamben - del espacio público como medio para: denunciar; utilizar el arte para transformarlo; expresión de los derechos de igualdad y libertad; la crítica social y el intercambio entre realidades dispares. Partiendo del supuesto que las universidades, por llamarse así, tienen el derecho y el deber de entrar en el conocimiento de máxima universalizada en el espacio físico y académico. El lenguaje del graffiti crea diálogo vivo entre los actores sociales en conflicto que, a través del arte, pueden fusionar sus horizontes cognitivos. Tienen como resultados del proyecto un taller de graffiti en la Universidad del Estado de Piauí, coordina mesa y proceso de una síntesis documental de intercambiar experiencias. Las producciones del taller junto con este artículo científico de extensión pretenden difundir la experiencia.

**PALABRA-CHAVE; GRAFFITI, IDIOMA, REAPROPIACION, UNIVERSALIDAD, CONFLICTO SOCIAL**

## 1. A VOZ DA CIDADE

As questões que afloram na realidade urbana tornam-se uma fonte para estudos interdisciplinares, Nestor García Cancilini afirma que ‘a indagação sobre sujeitos capazes de transformar a atual estruturação globalizada nos levará a atentar aos novos espaços de intermediação cultural e sociopolítica’. Principalmente após o século XX, passou-se a ter uma identificação de problemas e questionamentos que transbordaram de rele inquietações para atingirem a prática artística.

Ademais, quando se trata de arte urbana é necessário, também, compreender a efemeridade dos espaços para a sobreposição de novas formas, por novos usos de antigas estruturas e pelas novas necessidades de circulação. Nas palavras do escultor e artista plástico, Richard Serra, “a experiência do trabalho é inseparável do lugar onde ela se insere”.

Por agregar diversas formas de arte e assimilar consigo múltiplas técnicas de expô-la, a cidade acaba por induzir reflexões ilimitadas, e que não ficarão restritas a uma classe ou um grupo social. Além disso, por estar integrada no cotidiano de todos, ela transmite um pensamento de forma mais incisiva e democrática. Em uma entrevista feita para a apresentação de um documentário na ‘SEMANA DO ORGULHO DE SER’, projeto do Grupo Matizes em parceria com a Universidade Estadual do Piauí, o artista Granizo, da cidade de Teresina, disse que a arte de rua tem a

possibilidade de transmitir uma ideia de forma mais eficaz, tendo em vista que é capaz de se solidificar e fixar-se na cidade, além de ser vista por um conjunto maior e mais diversificado de pessoas, já que está em um ambiente universal.<sup>236</sup>

Capaz de assumir tantas vertentes artísticas, as cidades acabaram por assimilar a arte de rua e suas diversas formas de expressão - graffiti, pichação, hip hop, dentre outras. O que leva à compreensão de uma realidade material da sociedade, em que se tem um conjunto de práticas que nos mostra uma realidade individual ou coletiva do grupo que ali se manifesta.

Na convergência desse pensamento a cidade passou a ser uma forma de expressão latente; em que certos grupos utilizam desse meio de vinculação para lutar contra valores vigentes, preconceito e tantos outros temas que reprimem e desrespeitam diariamente os direitos de algum grupo. Contudo, e numa vertente diametralmente oposta, há quem conceitue essa forma de expressão e o próprio trabalho a ela incorporado, como sendo uma forma não artística, uma poluição visual, uma agressão ao patrimônio público e até mesmo desrespeitoso. Isso decorre de que, em certas situações, tais trabalhos devem ser invasivos e agressivos quanto ao espaço alheio para que seja efetivamente notado ou estar ao alcance da proposta buscada.

E, diante dessa mescla de opiniões encontra-se a importância do debate e da investigação nesse universo de pesquisa mal visto e pouco explorado, com preconceitos e conceitos mal definidos ou, pelo menos, mal interpretados. Sendo necessário a investigação com a intenção de provocar uma mudança e exposição de novas perspectivas a cerca de um tema que mostra uma realidade, que aparentemente poucos querem ver e outros querem esquecer. E assim, tentamos desintegrar o preconceito formado.

#### 4. BREVE HISTORIA

---

<sup>236</sup> Essa entrevista foi apresentada na X semana do Orgulho de ser da UESPI pelo projeto de extensão Graffiti-Diálogo Estampado de cores. Nessa mesma manhã houve por meio do projeto a organização de uma mesa coordenada com a participação de um policial, uma pichadora e um graffitiiro. Ademais, foram analisadas as percepções já obtidas a cerca das formas de artes e mostrou alguns resultados já obtidos pelo projeto sobre como o graffiti é visto na sociedade. Aconteceu, também, a apresentação ao público da intervenção artística de Sanatiel Costa no Laboratório de arte e cultura da Uespi- Campus Torquato Neto. <https://www.youtube.com/watch?v=AoeC-NCZOPo>. Link do video apresentado.

O graffiti teve início por volta de 1955, quando começou a aparecer em torno de New York. Em seu primórdio usavam-se os trens como abrigos dos seus trabalhos, e assim a 'exposição' percorria por toda a cidade. Um objetivo que inicialmente era apenas de manter assinaturas espalhadas pela cidade; posteriormente tomou uma propriedade mais politizada; de reclamar a situação de guerra vivida na época e de expor o sentimento de jovens que eram forçados a ir para campos de batalha.

O período entre 1960 até os dias de hoje representa um dos mais importantes períodos da história da pintura, apesar de também ser um dos mais caóticos e confusos. Isto é parcialmente devido ao fato de que tem havido uma grande pluralidade de estilos, assim como o fato de que os pintores têm um maior acesso a uma herança cultural, devido ao aumento exponencial de novas tecnologias e da mídia digital.

Na América Latina, durante a década de sessenta, vivia-se um forte período de repressão artística e a presença de uma política ditatorial controladora. E como afirma Silva (2000) "outras formas de respostas cidadã foram, assim, nascendo de um movimento plástico conjuntural, em meio a distintas razões sociais, políticas e contra ideológicas". Assim, fez-se do espaço urbano uma forma de expressar problemas, novos rumos sociais, políticos e culturais dessa época. Especificamente no Brasil, o graffiti tomou força durante o período ditatorial quando os jovens que queriam expor suas opiniões contra o governo eram impedidos pela censura.

Atualmente, o graffiti já encontra-se mais difundido na sociedade, mas o governo, ainda mantém, o irmão gêmeo do graffiti, a pichação, em uma categoria de arte marginalizada, entendendo que esta serve como uma forma de poluição da zona urbana. O que geral, como consequência: rejeição da população e a mesma seja vista somente pelo viés da ilegalidade, e, decorrente disso possa ser reprimida tanto pelo governo, quanto pela própria população. Esse tratamento dado, ainda é resquícios do repúdio do governo à esses trabalhos durante o período militar, e isso poderia-se, inclusive, ser analisado como uma forma de defesa política as manifestações originárias na época.

Dessa forma, retoma-se o pensamento anteriormente exposto de que o graffiti e a pichação, ambos tendo nascido em um berço de contestação, de reclamação, mostram-se como forma de linguagem clara e que transgridem a forma de um pensamento hegemônico. O graffiti e a pichação, como artes de rua visuais por excelência, são capazes de ir contra uma população omissa e cega aos problemas mais profundos da comunidade. E, espaço em formação a esse processo, na

atualidade, segundo Claudia Kozak (2004), suportam o peso da denominação graffiti, as inscrições nos espaços públicos, que estejam relacionados com o campo da subcultura dos jovens.

## 5. POPULIZADORES DO GRAFFITI

Dentre os nomes mais reconhecidos da arte em geral, tem-se Jean-Michel Basquiat, um pioneiro no graffiti e/ou pichação, que apesar de sua breve carreira, conseguiu destaque pelo seu trabalho, assinando por SAMO (“Same old shit”, traduzindo: mesma merda de sempre) e teve nas ruas seu início e sua marca. Apadrinhado por Andy Warhol, figura maior do movimento pop-art, o graffiti galgou das ruas para as grandes galerias e museus, se transformando-se no “belo”, em produto e em moda.

A importância de sua obra continua a expandir-se e influenciar novos artistas; os trabalhos de Jean-Michel Basquiat caracterizam-se por um agrupamento de imagens mescladas com palavras, de uma forma desordenada; envolvendo temas como a cultura negra e política; temas esses que são atemporais.

Os seus trabalhos estão repletos de referências e interligações, nas suas ilustrações ainda é possível observar temas e expressões assustadoras, repletas de incoerência e brutalidade. A sua carreira fica marcada por mensagens sugestivas como a riqueza contra a pobreza, a integração contra a rejeição, a experiência interior contra a exterior.<sup>237</sup>

Outra grande influência foi Keith Haring, que se mudou aos 19 anos para Nova York; e inspirado nas ações dos graffitiiros, começou a criar sua própria marca; com bonequinhos de formato muito característico, traço simples, porém marcado por fortes simbolismos. Abordava temas como a sexualidade e o ativismo político, e inseria mensagens sutis de mudanças sociais necessárias. Um exemplo claro são as figuras humanas perfuradas para comunicar sobre os perigos da religiosidade radical.

---

<sup>237</sup>NUNES, Thiago. Movimentos Contemporâneos. <http://tiagornunes.files.wordpress.com/2013/10/book-basquiat.pdf>.

As influências são diversas e interpassam o mundo dos desenhos de Banksy, King Robbo, Os Gêmeos, dentre tantos outros nomes que conectam a arte do graffiti aos problemas pessoais do seu lugar de atuação, sendo globais ou regionais em cada laboração urbana. Há, além desses, uma enorme quantidade de brasileiros que ganharam destaque, o que segundo Armando Silva, faz com que São Paulo possa ser considerada como uma das cidades em que mais se tem o desenvolvimento de artistas de rua. Como exemplo tem-se o graffitiro Zezão, autodidata, que costuma manter suas obras nas galerias pluviais de São Paulo, e atualmente também costuma expor seus trabalhos em museus e galerias.

## 6. MERCADO

Com uma forte presença e apoio de importantes nomes do mundo da arte, o graffiti passou a ganhar um destaque maior no comércio, e assim se associar a certos ideais e às normas de um capitalismo de mercado. O que por um lado gera maior visibilidade, remuneração e reconhecimento dos graffitiros internacionalmente, por outro passa a se ter uma necessidade desenfreada de apenas pintar novos produtos que atraiam o público, o que pode ter como consequência a perda da liberdade de manifestação do graffiti. Reforçando a colocação, pode-se citar JAMENSON (1997, p.30) "O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidade".

Dessa forma, o que se tem é um mercado forte, que provoca a transformação de uma arte anteriormente considerada feia, em uma arte com traços mais 'artísticos', logo, considerada 'bonita'. Em consequência, o mercado cria um espaço entre a arte de rua e a das grandes galerias. E o que se pode ressaltar é que não há um lado certo, por aceitar ou não o mercado, mais apenas salientar como este é capaz de modificar os conceitos da arte para que esta possa ser aceita, e, como resultado o caráter anárquico (anárquica no sentido de não necessitar de normas e estar ali para questionar) acaba por ficar perdido dentro desse impetuoso meio.

Em São Paulo, a galeria CHOQUE CULTURAL já é responsável pela venda de quadros de artistas que vieram das ruas. Em uma reportagem da revista Exame, um dos donos da galeria

conta que o conceito surgiu para atender a um mercado de pessoas com um interesse maior e que utilizava a forma de impressão em diversos materiais. Descobriu-se aí um mercado grande e que fez com que as vendas da galeria tivessem um crescimento além do que era esperado.<sup>238</sup>

Em teresina, mesmo sob todas as adversidades e empecilhos colocados pelo estado, já há uma maior abertura para essa arte; já há uma maior abertura para intervenções e expressões de pensamentos em espaços públicos- universidades, viadutos. O que seria os passos rumo ao diálogo com os artistas de rua, mesmo que alguns vejam essa forma de se apresentar um oposição ao conceito de a arte de rua, uma vez que eles devem se ater a ideais políticos vigentes.

Mostra-se assim que os artistas ganharam uma valorização de seu trabalho e que são pintores em ato e potência. Outro exemplo dessa aceitação do mercado foi o graffitiro Basquiat que após fazer seus trabalhos na rua também passou a integrar as pinturas em telas e fazer trabalhos para as grandes galerias.

Essa nova vertente com traços mais simbólicos, artísticos e mais integrados ao mercado gera polêmica entre os artistas de rua. Como já dito anteriormente, não há um lado certo dessa discussão, há apenas análises de uma possível deturpação do conceito de graffiti ou apenas uma modificação desse conceito. Para Bourriaud (2009, p108) a solução para essa discussão encontra-se na ‘instauração de processos e prática que nos permite passar de uma cultura do consumo para uma cultura da atividade, a passividade diante do estoque disponível de signos para a prática de responsabilidade’. O mercado, portanto, não destrói a arte, mas cria uma nova vertente, que seja politicamente aceita e que esteja dentro de seus padrões, mas que concomitantemente a ela, pode sim, sobreviver uma arte que ainda polemiza no aspecto individual ou coletivo.

## 7. DIVISÕES DO GRAFFITI

O leitor atento percebe então que a arte visual de rua - Graffiti e Pichação- já não mais se estruturam como sendo apenas uma forma una e sim em um conceito geral de expressar a arte, isso porque, há a composição de subdivisões, seja por que a pintura é mais underground ou porque é mais mercadológica. Nota-se, sob essa óptica, que a formação da arte não é mais uma pintura

---

<sup>238</sup> ZUINI, Priscila (2011): Choque Cultural traz grafite para a galeria de arte:  
<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/choque-cultural-traz-graffiti-para-galeria-de-arte?page=2>



solta sem uma corrente previamente analisada. Dessa forma, ressalva o fato de o artigo preservar a imparcialidade entre o graffiti-mercado ser uma forma de grafitar válida ou não.

O trabalho da arte não é feito de forma não tecnicista, muitas vezes são trabalhos de artistas com estudos aprofundados e que visam uma elaboração maior, com treino e prática bem intensas anteriormente. Para isso algumas técnicas podem ser utilizadas como o frehand, que tal como mostra o nome representa uma técnica mais livre de se expressar a arte. Essa seria uma técnica mais comum entre os intervencionistas, por conta da liberdade oferecida, uma vez que o trabalho pode ser elaborado de qualquer forma.

Numa contrapartida a essa liberdade a técnica do stencil já se mostra mais trabalhosa com áreas delimitadas de pintura. É uma linguagem vista como mais ágil, porém a máscara em que se utiliza para delimitar a pintura e que deve ser elaborada torna essa técnica como mais trabalhosa. Essa linguagem por ser ágil era mais usada para evitar que os graffitiiros fossem pegos pela polícia, uma vez que o trabalho era executado com mais rapidez.

Ressalva-se, no entanto, que essas técnicas não são formas fechadas, não está se limitando o graffiti, o que se mostra é apenas uma forma de se estudar a arte em setores, mas a arte em si é mutável e não há regras para sua expressão, devendo, inclusive, a expressão ser o mais importante para essa forma de arte. Rodrigo Chã, do Projeto Chã, afirma que esses estilos são apenas formas diferentes de intervir no espaço urbano, deixando-o mais interessante aos olhos dos que por ele passam todos os dias. “Os fins são os mesmos, só se diferem na técnica e suportes utilizados”.

Em uma nova perspectiva e com uma intensão de mobilidade da arte, há uma vertente do graffiti formada por adesivos colados em semáforos, placas e outros, chamada de stickers. Não se trata de uma arte direta na parede, mas sim desenhos feitos em série, impressos e que podem ser colados de forma espalhada na cidade. Em verdade, o stickers propõe à arte a possibilidade de ela viajar e ir a diversos lugares podendo invadir e se difundir ainda mais. E além desses existem os pôster ou os trabalhos que são colados nas cidades e que podem expressar trabalhos e formas diferentes. Assim não se restringe o termo arte de rua, ou graffiti a um trabalho único e elaborado por tintas e spray de maneira cética.

Nota-se que a arte feita nas ruas não é um trabalho simples, com poucas definições, ela transcende o simples pintar e perpassa num horizonte e num universo completamente novo, e que pode ser até mais criticamente consolidado. E nota-se, também, que as técnicas elaboradas e utilizadas no graffiti podem- e são- utilizadas, também, na pichação. Comprovando, assim que ambos

nasceram de um mesmo espaço- tempo social e exalta mais ainda a estranheza e a dificuldade em se conceituar ambas as formas artísticas como diferentes e diametralmente opostas no mundo da arte.

## 8. PICHOS X GRAFFITI

Adentrando mais um pouco na outra vertente da arte de rua, que pode ser mais polêmica na sua forma de protestar: o picho. A pichação, assim como o graffiti, surgiu em Nova York, e ainda se mantém proeminente nas ruas, e no geral, é composta por frases de protesto, assinaturas ou até mesmo declarações de amor. No entanto, é um tipo de expressão, mais popularmente conhecida pela forma mais impactante de provocar a população, por ser, muitas vezes, em propriedades privadas e pela maioria das pessoas não entenderem o que está escrito - não entendimento este que muitas vezes é confundido com “achar feio”.

Esses trabalhos vêm sendo rotulados pelo mercado, pelos padrões sociais e até mesmo pela lei, muitas vezes, como sujeira e os seus artistas como vândalos. Entretanto, o picho não é um trabalho para ser esteticamente bonito, e nesse ponto encontra o principal motivo de sua difícil aceitação; nesse caso o artista expressa muito mais de sua realidade e uma forma de se manifestar contra algo e cabe ao espectador interpretá-la, ou aceitá-lo, como o diferente.

No senso-comum e para o mercado só ‘belo’ é tido como arte. E, o que nos lastima é a população já estar perto de ver o centenário da SEMANA DE ARTE MODERNA brasileira e sofrer ainda com a necessidade de artes politizada. A exposição que foi analisada por Oswald de Andrade como ‘A língua sem arcaísmos, sem erudição. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos’<sup>239</sup>, apresentou artistas que tentaram desconstruir esse ideal de arte como sendo um cenário do ser, que deve estar lindo e não causar desconfortos aos olhos.

Um movimento acentuadamente artístico vem de se esboçar em nosso meio. A idéia que, auspiciosamente, o orienta, deixa de entrever garantias seguras de viabilidade de êxito pleno. O ponto de mira é a nossa emancipação artística.

---

<sup>239</sup> Banco de dados da Folha. Semana da arte moderna: O sarampaio Antropofágico. 15/05/1978

Contudo, o que se pode observar é que essa emancipação artística se de fato alcançada teve fôlego curto, ou não conseguiu se solidificar na cabeça da população. Ou ainda, o grupo de artistas que se manifestou contrário a ideias da SEMANA DE ARTE MODERNA teve uma influência maior e mais aceita pela população, o que nos faz chegar aos dias atuais em contínuas repressões à algumas formas artísticas.

De fato, o picho muito teria que se moldar para se adequar à sociedade que o taxa como algo sujo e feito por 'marginais'. Contudo, ainda surgem brechas nesse mesmo mercado, como a Bienal de São Paulo, que em sua 29ª edição, teve a participação de pichadores e que tentou ao máximo fazer a interação mercado-intervencionista sem, ao mesmo tempo, tirar suas características próprias. A Bienal não foi formada por paredes pichadas, optou-se por realizar um trabalho mais documental, com registros de fotos e vídeos; uma vez que tanto os pichadores quanto os organizadores mantinham o pensamento que liberar uma parede para ser pichada feriria o conceito dessa intervenção urbana.

Mesmo com todas essas ressalvas, há aqueles pichadores que continuaram se sentindo violados por ter uma exposição sobre picho em um meio que tanto representa o capitalismo; culminando em diversos movimentos contra tal exposição. É válido ressaltar que em uma Bienal anterior a essa, houve uma invasão de pichadores que acabaram por pintar um dos andares da exposição reclamando toda essa ditadura artística imposta, e por isso alguns pichadores caracterizam uma afronta a formação dessa bienal. Os pichadores, assim, mostram-se irredutíveis a absorção pelo mercado, e mantém sua arte no caráter transgressor.

Assim, pelo fato do picho não ser identificado com o conceito de belo-fácil do mercado, pode-se afirmar que são trabalhos que ainda mantêm sua identidade original de quando surgiram no Brasil. Dessa forma, estão no centro da polêmica, entre Estado, população e artistas.

## 9. LEI

Em 2011, o governo brasileiro sancionou a lei de nº 12.408 em que estabelece a pichação como sendo um crime passível de detenção ou multa (Ressalva-se a forma explícita de ser crime e não apenas uma contravenção penal). Segrega, duas formas de artes: o graffite sendo considerado dentro dos padrões normativos e a Pichação em oposição a esse padrão

Dentre os diversos problemas que a ciência do direito enfrenta, a indisciplina de invadir área do conhecimento desconhecida por ela seria mais um. Ao entrar em uma área do conhecimento sem investigá-la, o Direito pode estabelecer de forma vazia conceitos, e esses conceitos vazios em um sistema normativo acaba por provocar a ineficiência de uma lei. No caso da lei supracitada, o direito caracteriza duas formas artística sem fundamentar conceitos e acaba por prejudicar em fatores, que para executarsuas funções dependem desses conceitos: o aparato policial que vai ter que impedir esses ‘crimes’ é um deles.

Assim, como poderíamos estabelecer o que é picho e o que não é? O que está sujeita a pena de detenção ou multa do que não esta? Seria então, picho as pinturas monocromáticas que tivessem traço simples, escrito frases, textos ou assinaturas? Apresentam-se, então trabalhos de artistas teresinenses que são feitos em cores monocromáticas, aceitos pela sociedade, com traços simples, que não tem assinado nomes ou frases, e que acaba por colocar em xeque a distinção entre graffiti e pichação.

Em Teresina, o trabalho do pichador Granizo, por exemplo, anteriormente citado, é estruturado em traços simples e com uma mensagem bem impactante. Em uma entrevista concedida por ele, ressalva-se que ele tem conhecimento para fazer um desenho muito mais complexo, contudo prefere fazer algo simples, porque acha que nos traços simples está a alma de seu desenho; ou seja, algo simples e objetivo. Indagado sobre seu estilo de desenho, se era graffiti ou picho, Granizo diz que a linha é muito tênue, e que às vezes é difícil até para ele identificar; e que isso depende também do contexto em que o desenho está inserido, ou seja, seu trabalho pra pode ser. Graffiti, quando próximo a outros trabalhos caracterizados como tal, ora pode ser picho, quando próximo a trabalhos caracterizados como tal.

Além de se ter uma lei ineficiente ( no que tange à sua aplicabilidade), e injusta- por ser uma lei que representa duas situações semelhantes (produzir artes de rua) de forma semelhante (considerando o graffiti como legal e o picho como ilegal)- tem-se um aparato repressor violento, uma vez que não se preocupa com a realidade social e com o real motivo do trabalho, e que assim acaba causando danos mais graves, quando se estabelece uma repressão desmedida.

Ademais, uma observação pertinente a todo Brasil, é o despreparo dos policiais em não saber diferenciar ambas as formas de intervenção e não saber como tratar tais artistas<sup>240</sup>. E nessa indecisão qualquer um que for pego acaba tendo sua arte prejudicada, independentemente se estiver dentro dos padrões da lei. Os problemas causados pelo Direito ao entrar em uma seara de conhecimento de forma não interdisciplinar, mas impositiva é que ele viola os conceitos do artritismo e se além as caracteriza hegemônicas e pode não garantir a normatividade adequada à todos os cidadãos que terão seus trabalhos e a possibilidade de desenvolver projetos diferentes e que poderiam ser legais interrompidos.

## 10.CONCLUSÃO

Por fim, nota-se a importância da arte na formação cultural, social e política de uma sociedade. Como conceito simplista pode ser entendido por uma atividade ligada às manifestações de composição estética ou comunicativa. Nesse âmbito, o graffiti e o picho cumprem bem seu papel; deixando ainda mais questionável sua diferenciação legal, principalmente no âmbito legal, onde essa diferença forma a base de uma lei nacional, anteriormente debatida.

Durante todas as fases artísticas memoráveis, como Barroco, Romantismo ou Realismo, por exemplo, o estilo artístico surgia para contrapor o passado ou para trazê-lo em uma nova roupagem, além de tentar expressar um pensamento contemporâneo. O graffiti e o picho se reinventam por contrapor, acima de tudo, as partes ocultas da sociedade (preconceito, corrupção, fome) aos muros da propriedade privada. E, se assemelha quando expressa, também um pensamento.

O renomado escritor, Paulo Leminski, afirma que o graffiti está para o texto assim como o grito está para a voz<sup>241</sup>. Por fim, esse tipo de arte faz-se essencial, não sóde forma estética, colorindo a cidade; mas nos lembrando diariamente de problemas que se tenta esconder. Sua transgressão éo termômetro da cidade; quanto mais se tem graffitis mais liberdade de expressão e mais temas urgentes para serem abordados.

---

<sup>240</sup> Em uma entrevista feita ao delegado Gadelha para o projeto de extensão também denominado GRAFFITI-DIALOGO ESTAMPADO DE CORES, o mesmo declara o desconhecimento a diferenciação entre graffiti e pichação, sendo ambos qualificados como danos materiais. Ressalvando que a forma de abordagem é dada referente ao sexo uma vez, mulheres são abordadas apenas por mulheres.

<sup>241</sup> O vídeo em que o poeta se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AoeC-NCZOPo>. Acessado em: 01/07/2014.

Nessa mesma linhagem segue se o picho- retrato de uma demanda de luta contra a opressão e contra um sistema que marginaliza classes. Uma arte que não se cala e que mostra que problemas conjunturais não devem ser uma sociedade a parte, mas um problema a ser analisado e sentido por todos. E que a ilegalidade, o fato de ser visto como feia mostra um código e uma estrutura que de fato não é para ser entendido por todos, mas pelo grupo que o integra, e para o resto como sua forma de manifestar e de expressar.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banco de dados da Folha. Semana da arte moderna: O sarampaio Antropofágico. 15/05/1978. <http://almanaque.folha.uol.com.br/semana22.htm> . Acessado em: 01/10/2014

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-graduação- como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica –Ensaio Sobre a Antropologia da comunicação urbana. São Paulo. Studio Nobel, 2004.

DAMAZIO, Reynado. Cultura sem fronteira. Entrevista a Nestor Garcia Cancilini. EDUSP.

HODGE, A.N. A Historia da Arte. Belo Horizonte, 2009, p. 179.

JAMENSON, Fredric. Pós- modernismos. A lógica cultural do capitalismo tárido. São Paulo: Ática, 1997.

KOZAK, Claudia. Contra La pared; sobre graffitis, pintadas y otras intervenciones urbanas. Buenos Aires, libros Del roja, 2004.

NUNES, Thiago. Movimentos Contemporâneos. <http://tiagornunes.files.wordpress.com/2013/10/book-basquiat.pdf>. Acessado em 06/10/2014

P. B. C. Arte Carioca. In ibidem. P. 319

SILVA, Armando. La ciudad como comunicación. Diálogo de La comunicación. MaxicoFelafac, 2000.

SILVA, Armando. Imaginários urbanos, 2011.

TOMAZ, Kleber. Após invasão em 2008 pixadores são convidados a voltar a bienal.<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>. Acessado em: 25/09/2014

ZUINI, Priscila. Choque Cultural traz graffiti para a galeria de arte: <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/choque-cultural-traz-graffiti-para-galeria-de-arte?page=2>  
Exame, Editora Abril, 2011. Acessado em 01/10/2014